

“NÃO VEJO COR, VEJO APENAS PESSOAS”: O RACISMO COLOR-BLIND E A PERSISTÊNCIA DA DESIGUALDADE NA AMÉRICA

"I don't see color, I just see people": color-blind racism and the persistence of inequality in America

"No veo color, veo sólo personas": el racismo color-blind y la persistencia de la desigualdad en la América

« Je ne vois pas de couleur, je ne vois que des gens » : le racisme color-blind et la persistance des inégalités en Amérique

10.5020/23590777.rs.v23i3.e13462

Barbara Santana Ribeiro

Psicóloga, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Ueliton Santos Moreira-Primo

Psicólogo, Mestre (UFS) e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Dalila Xavier de França

Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Socialização das Atitudes Intergrupais e Racismo (CNPq).

Resumo

Resenha-se a obra *Racismo Sem Racistas: O Racismo da Cegueira de Cor e a Persistência da Desigualdade na América*, escrita pelo sociólogo estadunidense Eduardo Bonilla-Silva, em 2003, e publicada no Brasil em 2020. O autor centra-se no debate sobre o “racismo da cegueira de cor” (ou racismo color-blind), definido como o estilo de racismo predominante na sociedade estadunidense, na era pós-movimento dos direitos civis, o qual nega a existência do racismo ao mesmo tempo em que o conserva sob a roupagem de ideologias liberais. Discute-se ainda o racismo estrutural, de acordo com o qual o racismo é descrito como parte do sistema “normal” de funcionamento das sociedades racializadas, o que responsabiliza todos os sujeitos por sua manutenção, sejam aqueles abertamente racistas ou os que se silenciam diante de sua persistência. Assim, a partir das discussões apresentadas no livro, argumenta-se sobre suas relações com o “racismo à brasileira”, caracterizado pela mestiçagem e pelo mito da democracia racial, salientando sua denegação.

Palavras-chave: Racismo Sem Racistas, *color-blind*, racismo estrutural, resenha

Abstract

The work Racism Without Racists: The Racism of Color Blindness and the Persistence of Inequality in America, written by the American sociologist Eduardo Bonilla-Silva, in 2003, and published in Brazil in 2020, is reviewed. The author focuses on the debate about “color-blind racism”, defined as the style of racism predominant in American society in the post-civil rights movement era, which denies the existence of racism while preserving it under the guise of liberal ideologies. Structural racism is also discussed, according to which racism is described as part of the “normal” functioning system of racialized societies, which makes all subjects responsible for its maintenance, whether those who are openly racist or those who are silent in the face of your persistence. Thus, based on the discussions presented in the book, it is argued about

its relations with “Brazilian racism”, characterized by miscegenation and the myth of racial democracy, highlighting its denial.

Keywords: *Racism Without Racists, color-blind, structural racism, review*

Resumen

Se reseña la obra *Racismo Sin Racistas: El Racismo de la Ceguera de Color y la Persistencia de la Desigualdad en la América*, escrita por el sociólogo estadounidense Eduardo Bonilla-Silva, en 2003, y publicada en Brasil en 2020. El autor se centra en el debate sobre el “racismo de la ceguera de color” (o racismo color-blind), definiendo como el estilo de racismo predominante en la sociedad estadounidense, en la era post-movimiento de los derechos civiles, lo cual niega la existencia del racismo a la vez que lo conserva bajo ropaje de ideologías liberales. Todavía se discute el racismo estructural, de acuerdo con lo cual el racismo es descrito como parte del sistema “normal” de funcionamiento de las sociedades racializadas, lo que responsabiliza todos los sujetos por su conservación, sean aquellas abiertamente racistas o los que se callan ante su persistencia. Así, a partir de las discusiones presentadas en el libro, se argumenta sobre sus relaciones con el “racismo a la brasileña”, caracterizado por el mestizaje y por el mito de la democracia racial, resaltando su denegación.

Palabras clave: *Racismo Sin Racistas, color-blind, racismo estructural, reseña*

Résumé

On passe en revue l'ouvrage *Racism without Racists : Color-Blind Racism and the Persistence of Racial Inequality in America*, écrit par le sociologue américain Eduardo Bonilla-Silva en 2003, et publié au Brésil en 2020. L'auteur se concentre sur le débat autour du « daltonisme racial » (ou racisme color-blind), défini comme le style de racisme répandu dans la société des États-Unis à l'ère post-Mouvement des droits civiques, qui nie l'existence du racisme tandis qu'il le maintient sous le couvert d'idéologies libérales. On discute également du racisme structurel, selon lequel le racisme est décrit comme faisant partie du fonctionnement « norma l » des sociétés racialisées, rendant ainsi tous les individus responsables de sa maintenance, qu'ils soient ouvertement racistes ou qu'ils restent silencieux face à sa persistance. Ainsi, à partir des discussions présentées dans le livre, on argumente sur ses relations avec le « racisme à la brésilienne », caractérisé par le métissage et le mythe de la démocratie raciale, soulignant sa négation.

Mots-clés: *Racisme Sans Racistes, color-blind, racisme structurel, revue*

Eduardo Bonilla-Silva é um sociólogo porto-riquenho que vive nos Estados Unidos desde a época de seu mestrado, na Universidade de Madison. Bonilla-Silva possui Ph.D. em Sociologia, pela University of Wisconsin – Madison (1993); mestrado pela mesma Universidade (1987); bacharelado em Sociologia e Economia pela Universidade de Porto Rico (1984). Atualmente, é professor na Universidade de Duke (Durham, Carolina do Norte, EUA). Sua carreira é marcada não somente pela produção acadêmica como também pelo ativismo social; foi premiado diversas vezes por seu trabalho e suas contribuições no campo da Sociologia e pela luta contra o racismo e a promoção da justiça social. Há 20 anos, desenvolve estudos sobre raça e racismo, sendo amplamente reconhecido por dois dos marcos mais importantes na sua construção teórica: o racismo estrutural e o racismo da cegueira de cor (*Color-blind racism*). Este último deu origem ao livro *Racism Without Racists*, publicado no Brasil, no ano de 2020, que a seguir apresento a resenha da obra.

A obra resenhada trata-se da tradução da quinta edição do livro *Racism Without Racists*, publicado pela primeira vez nos Estados Unidos (EUA) em 2003. O livro se centra na discussão sobre o “racismo da cegueira de cor” (ou racismo *color-blind*), tese defendida pelo autor como o estilo de racismo predominante na sociedade estadounidense, na era pós-movimento dos direitos civis. Bonilla-Silva define *color-blind* como a ideologia racial apoiada nos princípios do liberalismo. Em sua análise, desnuda o uso da linguagem liberal para esconder motivações raciais nas posturas dos sujeitos, transferindo para os indivíduos pertencentes às minorias raciais a responsabilidade por suas más condições de vida e atribuindo escolhas raciais dos brancos à liberdade individual. Em outras palavras, essa ideologia defende que não devemos falar em raça, que raça não é algo importante e que devemos ser cegos à cor. Para sustentar sua tese, Bonilla-Silva utilizou dados de entrevistas, provenientes de dois projetos de pesquisa, a *Survey of Racial Attitudes of College Students* de 1997 e o *Detroit Area Study* de 1998. A quinta edição traz algumas modificações relacionadas a mudanças contextuais, as quais o autor assinala nas primeiras páginas. Bonilla-Silva observa que a postura do então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em relação às questões raciais, produziu mudanças nas posturas da população em geral, sem, no entanto, alterar por completo a predominância do racismo da cegueira de cor. Tal cenário fez com que o autor ampliasse sua discussão em relação aos novos racismos e aos movimentos sociais, além de acrescentar um tópico para discutir o que ele chamou de “momento Trump”. Na obra, Bonilla-Silva busca evidenciar os processos de persistência e de adaptabilidade do racismo na América, bem como os fatores subjacentes.

O livro é dividido em onze capítulos, os quais apresentam algumas diferenças não só em nível de conteúdo, mas também estruturais. Os capítulos se intercalam entre aqueles centrados em explicar os conceitos centrais e outros com maior foco nas análises de dados e nas pesquisas realizadas com universitários brancos e negros, sendo possível visualizar como os conceitos apresentados se materializam nas experiências dos sujeitos. Ao longo do livro, o autor se dedica a analisar políticas contemporâneas e, no último capítulo, Bonilla-Silva aponta possíveis estratégias para a superação do problema apresentado.

O primeiro capítulo é um dos pontos essenciais da obra. Nele, o autor introduz o que chama de “racismo sem racistas” ou “racismo da cegueira de cor”, apontado como a ideologia dominante na sociedade estadunidense, após os anos de 1960, quando ocorrem mudanças legais e normativas criadas pelo movimento dos direitos civis. Tal ideologia é entendida como a maneira pela qual se passou a explicar e manter as diferenças entre os grupos raciais em termos não raciais, ou seja, negando a existência do racismo, ainda que se reconheçam e se mantenham as diferenças entre os grupos racializados. Pessoas adeptas a essa ideologia acreditam e propagam que se fingirmos não perceber a raça, o racismo será superado.

O racismo da cegueira de cor também tem sido estudado por outros pesquisadores. Por exemplo, Diangelo (2020) observou a manutenção dessa ideologia propagada por pessoas brancas estadunidenses por meio de discursos como “não vejo cor, vejo apenas pessoas”, “não importa a cor, somos todos iguais/humanos”, “somos todos vermelhos por baixo da pele”, atrelados à ideia de que os negros deveriam parar de pensar em raça e se esforçar, individualmente, para conseguir as mesmas oportunidades. Assim como Diangelo (2020), Bonilla-Silva afirma que o racismo da cegueira de cor, na prática, opera para alimentar o racismo e manter indivíduos negros em condições de desigualdade e sendo alvos de discriminação, enquanto pessoas brancas continuam se beneficiando de privilégios raciais e perpetrando a discriminação, ao passo em que negam a existência do racismo ou, ainda, a se reconhecerem racistas.

Após essa explanação inicial, faz-se uma análise das diferentes formas de entender o racismo, sinalizando-se a que é adotada na obra, apontando como o racismo da cegueira de cor está ligado a aspectos culturais de categorização racial, mas é também uma forma de manter a estrutura racial hierarquizada. O autor explana ainda os termos-chave: raça, estrutura racial e ideologia racial, fazendo novamente o movimento de apontar como outros autores de diferentes áreas do conhecimento entendem cada um deles e apresentando a sua perspectiva. Por último, situa-se o leitor acerca dos aspectos metodológicos adotados no estudo, apresentando as fontes de dados e uma justificativa para a utilização de entrevistas, bem como para a forma como são analisadas e apresentadas ao longo do livro.

No capítulo dois, é apresentado o conceito de racismo estrutural, entendido como “uma rede de relações sociais nos níveis social, político, econômico e ideológico, que configura as oportunidades de vida das várias raças” (Bonilla-Silva, 2020, p. 48). Bonilla-Silva expõe a contradição existente entre um discurso predominante pós-movimento de luta pelos direitos civis nos EUA, que afirma não existir mais o racismo naquele contexto social, e a realidade de enorme desigualdade entre os grupos raciais, especialmente entre negros e brancos. São evidenciados os diferentes contextos nos quais as disparidades raciais aparecem, a exemplo do mercado residencial, da educação, do campo político, da violência policial e da riqueza.

A partir do terceiro capítulo, são analisadas, de forma mais enfática, as falas dos entrevistados. No capítulo três, são apresentados o que o autor chama de “enquadramentos centrais” do racismo da cegueira de cor, ou seja, a forma pela qual o discurso, baseado numa ideologia dominante, apresenta-se de modo a ocultar e, ao mesmo tempo, justificar a dominação. As entrevistas foram categorizadas em quatro enquadramentos: liberalismo abstrato, naturalização, racismo cultural e minimização do racismo. Tais enquadramentos ligam-se aos ideais liberais dominantes na sociedade estadunidense e são maleáveis, permitindo diferentes argumentos para justificar o racismo. Funcionam como uma teia que sustenta e protege a estrutura racista.

No quarto capítulo, são apresentadas estratégias linguísticas utilizadas pelos sujeitos brancos para disfarçar o conteúdo racista do seu discurso, por exemplo: o uso da fala “eu não sou racista, mas...” ou ainda apontar outros como sendo racistas como posição oposta à sua. O autor explica que tal maneira de se comunicar está ligada ao clima normativo da sociedade estadunidense pós-movimento dos direitos civis. Ainda que mantenham uma ideologia racista, os brancos sabem que não podem expressá-la abertamente e, assim, criam dispositivos linguísticos que permitem expressar opiniões racistas, preservando uma imagem cega à cor. Uma das características desse tipo de discurso é intercalar expressões raciais com expressões não raciais, seja com apresentação de afirmações que parecem contraditórias ou alguma afirmação justificadora para as desigualdades raciais, como “eu não sou preconceituoso ou racista... Eles sempre receberam os trabalhos sujos porque estavam dispostos a fazê-los” (Bonilla-Silva, 2020, p. 149). Nesse capítulo, o autor mostra ainda que existem diferenças entre os entrevistados mais jovens e mais instruídos e aqueles mais velhos e pertencentes à classe trabalhadora, sendo os primeiros mais adeptos do racismo da cegueira de cor, o que pode estar ligado a um processo de socialização, que já se deu para os mais jovens no clima normativo da era pós-movimento dos direitos civis. Essas discussões aproximam-se dos resultados encontrados numa ampla pesquisa realizada aqui no Brasil, em que 89% dos entrevistados afirmaram haver preconceito racial no Brasil e, por outro lado, apenas 10% admitiram ter preconceito (Turra & Venturi, 1995). Assemelham-se também ao estudo de Camino

et al. (2001), no qual foram entrevistados 120 universitários brasileiros, sendo a maioria deles brancos, dentre os quais 98% afirmaram que, no Brasil, existe preconceito racial, mas a grande maioria (82%) não se considerou preconceituosa, o que demonstrou uma consciência da existência do racismo, ao mesmo tempo em que havia desresponsabilização pessoal pela sua manutenção.

Outro fator que compõe o discurso do racismo da cegueira de cor e serve como fundamento para as posições racistas dos entrevistados são as chamadas histórias raciais. No quinto capítulo, o autor identifica dois tipos principais dessas narrativas: *story lines* e testemunhos. As *story lines* são histórias socialmente compartilhadas; normalmente, tratam de personagens genéricos, subdesenvolvidos (com poucas características informadas) e o conteúdo da fala é comum entre diferentes contadores, por exemplo: “meu melhor amigo perdeu o emprego para um homem negro”. O autor afirma que tais histórias são essencialmente ideológicas, pois expressam um mundo representacional compartilhado, nesse caso, a ideologia racista e os estereótipos que recaem sobre os negros. Já os testemunhos são relatos de eventos nos quais a pessoa ou algum conhecido próximo estava presente. Uma tática dos testemunhos é a de fornecer informações que sejam aparentemente autênticas e emocionantes; essas histórias ajudam os narradores a ganhar simpatia dos ouvintes ou persuadi-los sobre pontos que desejam comunicar, por exemplo: “tinha uma pessoa negra, por exemplo, que me repreendeu com severidade no *Videobuster*. Gritou comigo um ano atrás”. Ambas as narrativas apareceram de forma espontânea nas entrevistas e serviram como ponto de apoio para que os entrevistados sustentassem suas opiniões. Bonilla-Silva destaca que tais narrativas expressam a forma de entender o mundo dos contadores, pois aparecem de forma natural e cristalizada, demonstrando o entendimento de como as coisas naturalmente são, expressando, assim, ideologias dominantes e reforçando o status quo.

No sexto capítulo, o autor discute a segregação social e espacial entre negros e brancos, e suas repercussões. O aspecto que se destaca, nesse sentido, é a criação do que Bonilla-Silva chama de “*habitus branco*”, ou seja, a segregação cria um processo de socialização racializada, que condiciona gostos, percepções, emoções, sentimentos e opiniões dos brancos em relação às questões raciais. As entrevistas mostram que, ainda que os entrevistados brancos tentem sustentar um discurso não racial, quando convidados a falar sobre seus comportamentos cotidianos, demonstram que levam uma vida segregada, na qual pouco contato é feito com outros grupos. Mas, um dado que chama atenção é que a pouca interação não depende necessariamente da segregação, pois mesmo quando há oportunidade de interação, eles não o fazem, não ultrapassando as interações formais que são quase uma obrigação em espaços acadêmicos e de trabalho, por exemplo. Assim, a segregação se expressa na não construção de relacionamentos íntimos, como amizade e casamento.

Nos capítulos sete e oito são trazidos dois questionamentos (“todos os brancos são racistas?”, “os negros também têm cegueira de cor?”), que permitem refletir sobre as diferentes posturas que podem aparecer tanto entre sujeitos negros como entre os brancos. No sétimo capítulo, o autor explica que a maioria dos brancos reproduz o discurso da cegueira de cor e ainda vive vidas racializadas. Ainda assim, questiona-se se todos os sujeitos brancos seguem tal padrão. Antes de tudo, Bonilla-Silva faz uma importante ressalva: o objetivo não é separar brancos “bons” e “maus”, já que todos, como atores de um sistema racista que os beneficia, tendem a defender seus privilégios, seja por meio da violência ou da omissão, apenas seguindo os costumes que ajudam a manter o sistema no lugar. Para ele, essa última postura é a mais comum. Um ponto interessante é que o autor aponta alguns fatores que podem estar associados à ação antirracista ou à solidariedade para com as minorias raciais. Ele argumenta que fatores como raça e classe interferem na forma como o privilégio branco é experienciado, sendo mulheres e pessoas pertencentes à classe trabalhadora menos beneficiadas e, portanto, ocupando lugares mais próximos dos negros, o que pode favorecer uma postura mais solidária.

Já no oitavo capítulo, são analisadas as falas de entrevistados negros, com o objetivo de entender até que ponto eles apresentam em seu discurso o estilo da cegueira de cor, nos enquadramentos e nas histórias raciais. A principal hipótese de Bonilla-Silva acerca desse ponto é a de que os negros são afetados indiretamente pelo racismo da cegueira de cor e isso mina a probabilidade de que desenvolvam posturas antirracistas como responsabilizar o governo e cobrar ações de enfrentamento ao racismo. Constata-se, no entanto, que os negros não assimilaram significativamente o *color-blind*, pois, apesar de aparecer algumas vezes em seu discurso, o *color-blind* soa como mera reprodução ou como uma análise acrítica da ordem racial estabelecida. Já os brancos o utilizam para disfarçar os próprios interesses em manter a supremacia branca e os privilégios raciais.

Um aspecto especialmente interessante para o entendimento da relação do racismo estadunidense, analisado pelo autor, com o racismo no Brasil, está no capítulo nove, no qual Bonilla-Silva faz uma comparação entre o contexto racial dos EUA e dos países da América Latina, o que ele chama de Latino-Americanização. Antes de tudo, ele faz uma análise de como funciona a estratificação racial nas Américas, discutindo e relacionando cinco modelos: *miscigenação*; *estratificação racial plural*; *colorismo* ou *pigmentocracia* e; *ideologia nacional da mestiçagem*. Em relação à miscigenação, Bonilla-Silva explica que, nos Estados-nação latino-americanos, é comum a mistura racial. Entretanto, isso não muda a hierarquia em que os brancos permanecem no topo da pirâmide social. Isso porque o objetivo da miscigenação era o branqueamento da população, e a mistura racial se deu seguindo as hierarquias de gênero (homens brancos com mulheres indígenas e negras) e de classe (os

casamentos se davam entre pessoas dos mesmos estratos sociais). A estratificação racial plural é entendida como um resultado das condições demográficas coloniais, que atraíram poucos europeus para que se alcançasse um projeto de sociedade branca, o que culminou no desenvolvimento de grupos de pardos e mestiços, criando uma sociedade com divisões mais complexas do que a birracial. Nesse cenário, o *colorismo* ou a *pigmentocracia* aparece como uma estratificação interna aos grupos raciais, que vão se diferenciando por características fenotípicas, de classe, cultura e educação. Essas diferenciações são marcadas pelo *branqueamento*, ou seja, quanto mais próximo do ideal de branco for o indivíduo, mais valorizado ele é. Apesar dessas hierarquias, a ideologia da mestiçagem nacional exerce forte influência no modo como as relações raciais são descritas. A mestiçagem aparece como um modo de negar o racismo e afirmar uma convivência harmoniosa entre todos os grupos.

Com o crescente número de pessoas de origem latina nos EUA, e de casamentos interracialis, resultando no que aqui nomeamos como *mestiçagem*, a hipótese de Bonilla-Silva é a de que o grupo dos brancos passe a assimilar alguns sujeitos, mas com algumas especificidades. Estes seriam os brancos honorários, uma condição social semelhante à dos pardos no Brasil, um grupo intermediário que, por receber alguns privilégios do grupo branco, amortece o conflito racial. Ou seja, cria-se um grupo que dilui a ideia de “nós *versus* eles” por estar próximo dos dois, ainda que enfrente discriminação por parte do grupo dos brancos. Nesse cenário, o *colorismo* (gradações de cor) torna-se um aspecto mais saliente, sendo um ponto de referência para definir quem está mais próximo do grupo branco, podendo ser assimilado. Desse modo, a ordem birracial tende a desaparecer, não significando que o racismo desaparece. Este ganha uma nova roupagem e novas linhas de hierarquização, sendo brancos no topo, brancos honorários como grupo intermediário e o grupo não branco ou coletivo negro na base da hierarquia.

Outra implicação, na nova ordem racial apontada pelo autor, é o endosso a discursos nacionalistas ou igualitários, colocando o racismo como algo do passado, ainda que as desigualdades permaneçam intactas. A grande questão, portanto, é que a linha racial se torna turva, ainda que exista, limitando as possibilidades de mobilização contra o racismo. Desse modo, de forma semelhante ao que acontece no Brasil, a mestiçagem não ameaça a supremacia branca, porque o grupo branco continua no topo da hierarquia racial. Mais que isso, o discurso racista pode agora valer-se de um novo argumento, o de que a raça já foi superada, o que serve para silenciar o debate racial e manter o privilégio branco.

No penúltimo capítulo, Bonilla-Silva faz uma análise do racismo desde o período Jim Crow até o chamado novo regime do racismo, articulando, com o aspecto político, um dos campos nos quais o racismo se manifesta. São discutidas a caminhada até a eleição e as atuações em relação às questões raciais dos dois últimos presidentes dos Estados Unidos, até o momento da escrita do livro, *Barack Obama e Donald Trump*. Em relação ao primeiro, o autor aponta que, apesar de sua eleição poder ser vista como uma vitória contra o sistema racista, ela provocou poucas mudanças em nível estrutural, ou seja, pouca coisa mudou na vida da maioria dos negros, que continuou a enfrentar as mesmas condições desiguais de vida e ainda não teve poder sistêmico de provocar mudanças reais no sistema racial. O autor aponta algumas consequências desse cenário. A primeira é que se tornou mais difícil falar sobre racismo, já que as reivindicações dos negros podem ser contestadas, afinal uma pessoa negra chegou a ocupar o cargo mais alto do país. Em segundo lugar, houve o endosso da ideia de que a via possível para o enfrentamento do racismo seria a política eleitoral e não os movimentos sociais, o que enfraqueceu a articulação contra o racismo sistêmico. Em relação à eleição de Donald Trump, o autor analisa como, ao mesmo tempo em que o presidente alimentou os sentimentos racistas, principalmente de brancos pobres, colocando as minorias raciais como bodes expiatórios da responsabilidade pelas más condições socioeconômicas da população, fez uso do discurso da cegueira de cor, como quando afirmou ser “a pessoa menos racista que existe”. Assim, a era Trump mostra uma combinação de formas abertas e violentas de racismo (por exemplo: quando nomeou pessoas com histórias de racismo e articulação com a supremacia branca para seu gabinete) e a sustentação do discurso da cegueira de cor.

No último capítulo, o autor apresenta algumas indicações para lidar com o problema discutido ao longo da obra, o que é anunciado já pelo subtítulo: *Falando com VOCÊ sobre como Combater o Racismo da Cegueira de Cor na América*. Primeiro ele ressalta que o racismo se trata de um problema sistêmico e estrutural e que, apesar de algumas expressões escancaradas, grande parte do jogo racial se baseia na expressão sutil, que passa quase despercebida, o que o torna muito difícil de ser combatido. Assim, a primeira indicação é feita para os sujeitos brancos, quando o autor aponta formas de se engajar na luta antirracista, assumindo uma postura crítica e ativa, deixando de seguir as normas que mantêm as disparidades entre os grupos raciais e se mobilizando no combate ao racismo. Bonilla-Silva traça uma sequência lógica do processo pelo qual os indivíduos devem passar para “desracializar” sua vida, assinalando que, para os brancos, isso significa “desbranquear” suas redes, orientações e emoções. O primeiro passo, é realizar a transição de uma postura liberal para tornar-se uma pessoa antirracista. Em seguida, ressalta a importância de buscar conhecimento e articular-se a organizações antirracistas. O autor adverte que, nesse processo, é importante que os sujeitos brancos não se esqueçam de que pertencem a esse grupo e dos benefícios que ainda recebem da branquitude. Assim, o passo seguinte é fazer uma análise da própria vida social, percebendo quais comportamentos e sentimentos racistas ainda fazem parte do seu cotidiano. Após reconhecer os elementos que fazem

parte da branquitude, deve-se realizar o trabalho de tentar transformar os sentimentos identificados. Para isso, o autor aponta que é necessário se expor à possibilidade de se machucar emocionalmente, no reconhecimento dos próprios preconceitos. Por fim, é importante fazer verificações externas, ou seja, ouvir o que as pessoas negras têm a dizer sobre as suas posturas raciais e tentar corrigi-las.

Em conclusão, como um chamado a todos, Bonilla-Silva indica um passo a passo para operar mudanças no mundo. O autor começa destacando a importância dos movimentos sociais, definidos por ele como a forma mais eficaz de política. No entanto, adverte que participar desses movimentos é uma tarefa difícil e demorada. Portanto, é necessário que os indivíduos entendam a sua função social de produzir mudanças profundas. Para ele, a mobilização social é a principal forma de mudar o mundo, o que não é possível apenas pela via da política eleitoral. Aqui, o autor destaca o papel do movimento *Black Lives Matter* e o seu impacto no reconhecimento e denúncia da violência racista. Em seguida, destaca para o leitor as possibilidades de envolvimento com os movimentos sociais e a necessidade de engajar-se ativamente neles, sendo a maneira mais eficiente de mudar a estrutura racista como um todo. Mudar a estrutura, nesse sentido, significa combater as velhas e novas formas de expressão do racismo. Finalmente, Bonilla-Silva destaca mais uma vez a importância de sujeitos de todas as pertencas raciais lutarem juntos, empenhando esforços para uma mudança radical, a fim de alcançar a superação do racismo, na construção de uma sociedade verdadeiramente cega à cor, como sonhou Martin Luther King.

Essa obra é de extrema relevância para aqueles que se propõem a estudar o racismo em suas diversas configurações, desde níveis macro até o nível intrapessoal. A partir do conceito de racismo estrutural, como base das sociedades racializadas e do racismo da cegueira de cor como ideologia dominante, que dá sustentação para que ações racistas continuem a vigorar de maneira encoberta, o autor consegue explicar como o racismo se reinventa e se mantém estruturando as sociedades racializadas. Para os brasileiros, é uma leitura fundamental, pois abre a possibilidade de tecer uma análise do racismo no Brasil, que tem características de negação e silenciamento, pelo mito da democracia racial, que muito se assemelha ao racismo da cegueira de cor. Por fim, é importante reiterar e se valer das indicações do autor, ao final do livro, como caminhos possíveis para o enfrentamento do racismo.

Como psicólogos sociais e pesquisadores das relações étnico-raciais, entendemos a relevância da obra, pela primeira vez publicada no Brasil, por oferecer importantes contribuições para a compreensão do racismo, no que diz respeito a seus aspectos estruturais e ideológicos. Esperamos, a partir do texto apresentado, termos evidenciado, ainda que brevemente, a forma como Bonilla-Silva analisa o fenômeno do racismo da cegueira de cor e como este se assemelha aos processos vivenciados aqui no Brasil; o que pode servir de base para análises futuras, tanto no campo da psicologia social ou como no das diversas áreas que investigam o fenômeno do racismo. Destacamos, ainda, a importância em analisar como o racismo tem se apresentado aqui no Brasil e quais formas vêm tomando. Lima (2019) assinalou que algumas mudanças podem ser observadas nas formas de expressão do racismo na sociedade brasileira, tendendo a estarem mais abertas, ancorando-se em ideias reacionárias de extrema direita, que fazem ataques diretos às minorias e utilizam-se da retórica do “mimimi”, ou seja, de que os grupos minoritários não têm razões concretas para reivindicarem direitos. Esse “novo racismo” nacional se relaciona muito bem ao racismo sem racistas ou *color-blind* do livro resenhado. Com base nisso, consideramos que um maior entendimento das velhas e das novas expressões do racismo, bem como a condução de estratégias para superá-lo devem compor as nossas preocupações e agendas de pesquisa e de trabalho.

Referências

- Bonilla-Silva, E. (2020). *Racismo sem racistas: O racismo da cegueira de cor e a persistência da desigualdade na América*. Perspectiva.
- Camino, L., Silva, P., Machado, A., & Pereira, C. (2001). A face oculta do racismo no Brasil: uma análise psicossociológica. *Revista de Psicologia Política*, 1(1), 13-36. <https://psicologiapolitica.org.br/wp-content/uploads/2019/06/revista-psicologia-politica-v1n1.pdf>
- Diangelo, R. J. (2020). *Não basta não ser racista: Sejamos antirracistas*. Faro Editorial.

Lima, M. E. O. (2019). O que há de novo no “novo” racismo do Brasil? *Ensaio e Pesquisa em Educação e Cultura*, 4(7), 157-181. <https://doi.org/10.29327/211303.4.7-10>

Turra, C., & Venturi, G. (1995). *Racismo cordial: A mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil*. Ática.

Como Citar:

Ribeiro, B. S., Moreira-Primo, U. S., França, D. X. (2023). “Não vejo cor, vejo apenas pessoas”: O racismo color-blind e a persistência da desigualdade na América. *Revista Subjetividades*, 23(3), e13462. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v23i3.e13462>

Endereço para correspondência

Barbara Santana Ribeiro
Email: ribeiro.barbarasantana@gmail.com

Ueliton Santos Moreira-Primo
Email: uelitonpsi@academico.ufs.br

Dalila Xavier de França
Email: dalila@academico.ufs.br



Recebido: 06.01.2022
Revisado: 17.01.2023
Aceito: 20.02.2023
Publicado: 12.12.2023